

Sayad retorna mais cedo

Do Enviado Especial

Washington - O ministro do planejamento, João Sayad, disse ontem que o esboço preliminar do relatório que o Fundo Monetário Internacional está preparando sobre a economia brasileira "é ruim no estilo, apesar de alguns elogios à eliminação da inflação e contenção do déficit público". O ministro antecipou sua volta, embarcando hoje à noite em Nova Iorque, por estar "ansioso com o Brasil", como disse num intervalo da reunião do Comitê de Desenvolvimento.

Explicou que não existe nenhum problema que esteja a exigir sua volta com um dia de antecipação, mas achou melhor ir cuidar de suas tarefas do que "ficar ouvindo este papo-furado aqui". Durante os poucos dias que esteve nos Estados Unidos ele tratou principalmente de acertar o programa de empréstimos do Banco Mundial ao Brasil, acompanhar a discussão para o aumento do capital do Banco Interamericano de Desenvolvimento e adiantar a conversa sobre a pretensão brasileira de obter cofinanciamentos.

Sobre o relatório preliminar do FMI, informou que viu apenas um esboço com o diretor da área bancária do Banco Central, Pêrsio Arida, onde se notava o que chamou de "estilo ruim" para o Brasil, no sentido de que os técnicos da instituição colocam as coisas mais ou menos assim: "Está tudo bem, a inflação caiu para zero, o déficit público está num nível aceitável etc, mas está faltando carne". A avaliação que fazem da economia brasileira, de qualquer forma, seria positiva - segundo o ministro.

Na reunião do Comitê de Desenvolvimento - que encerrou à tarde a parte realmente importante destes encontros, vindo agora apenas a parte formal, que consiste numa

sucessão de discursos na assembléia anual conjunta do FMI/Banco Mundial - o ministro Sayad enfatizou a necessidade de haver uma melhor compreensão por parte dos parlamentares americanos quanto à verdadeira natureza dos aportes de capital que os Estados Unidos devem fazer ao Banco Mundial e ao Banco Interamericano. "Estes recursos não são doações nem despesas, mas sim empréstimos com taxas de mercado e com todas as garantias, que representarão uma espécie de aval aos futuros tomadores".

Como exemplo, lembrou que para o aumento de capital do BID, da ordem de mais ou menos 25 bilhões de dólares, a parte dos países industrializados corresponderá a menos de 100 bilhões de dólares. Lembrou que as duas instituições não têm registro de empréstimos perdidos ou com problemas de recebimento, mas, ao contrário, tem um recorde impecável, da melhor qualidade, e que os oportes de recursos dos Estados Unidos teriam tetorno assegurado. Ele criticou a falta de compreensão para isso por parte do Congresso americano, que vem bloqueando a participação nestes aumentos de capitais.

Sayad concordou que não houve nenhum avanço da parte dos países industrializados que controlam o FMI/Banco Mundial nestas reuniões, em relação à assembléia de setembro do ano passado em Seul (Coreia), ou ao encontro de primavera em abril último. Ele preferiu, entretanto, colocar as coisas de maneira mais diplomática: "Digamos que o progresso está sendo muito lento". Sua observação reflete o sentimento da pequena delegação brasileira, que não tem notado mudança positiva de atitude por parte dos credores.